



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ÓRGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO VII - Nº 113 - 2ª QUINZENA DE JUNHO DE 1996 - R\$ 1,00

Organizemos a Greve Geral por:

- 1.** Imediata implantação do salário mínimo real de 1.200 Reais;
- 2.** Reposição de todas as perdas;
- 3.** Fim da política salarial de congelamento anual e implantação da escala móvel de reajuste (aumento automático de acordo com a alta dos preços);
- 4.** Fim das demissões e estabilidade no emprego;
- 5.** Redução da jornada de trabalho para 6 horas, sem redução salarial (implantação da escala móvel das horas de trabalho, em que se divide as horas nacionais trabalhadas entre todos os aptos a trabalhar, de forma que se elimine o desemprego)
- 6.** Reforma agrária. Entrega das terras aos camponeses pobres e fim dos latifúndios;
- 7.** Fim dos assassinatos de trabalhadores e das chacinas. Punição aos crimes de classe da burguesia contra os explorados;
- 8.** Fim da destruição das conquistas sociais, como a Previdência e direitos trabalhistas;
- 9.** Fim das desestatizações, reestatização das estatais já privatizadas e em defesa do estatismo sob o controle dos trabalhadores;
- 10.** Não pagamento da dívida externa e rompimento de todo acordo com o imperialismo.
- 11.** Controle operário da produção.

Esses dez pontos de reivindicações elementares são o ponto de partida para as massas, sob a direção da classe operária, desenvolver as tarefas estratégicas de luta por um governo operário e camponês (ditadura do proletariado) e pela expropriação dos monopólios industriais, financeiros e comerciais, única via de eliminar definitivamente a fome e toda forma de opressão de classe.

A quinzena de luta do movimento operário

O desemprego está sendo incentivado não somente nas empresas privadas. Os pacotes de demissão voluntária, acatadas pelos sindicatos, estão sendo defendidos pelos parlamentares e aqueles que se proclamam defensores do trabalhador. O governo petista do Rio Grande do Sul demitiu 13 mil funcionários pelo programa de demissão voluntária. Agora, os deputados paulistas acabam de aprovar projeto de lei, que prevê adicional de 25% ao funcionário que aderir à demissão voluntária. A proposta é de 10 mil funcionários na rua.

Os operários que estão empregados, o salário mal dá para pagar o transporte que o conduz ao trabalho. E, apesar disso, os capitalistas aumentam seus lucros com o aumento das tarifas do transporte coletivo: integração metrô-ônibus teve reajuste de 12%, o ida e volta 16,66% e a passagem de ônibus o reajuste foi de 23,07%.

E o reajuste salarial daqueles que estão sendo esmagados pela "estabilidade econômica" dos grandes grupos econômicos?

Greve pela reposição da inflação e de todas as perdas salariais!

Greve pelo salário mínimo vital de R\$ 1.200,00!

Greve para derrubar o "Plano de Morte ao Trabalhador"!

Greve contra as privatizações!

* Sade Vigesa, de Jacareí, demite 80 operários. Decidem greve em solidariedade aos companheiros. (Em operação tartaruga desde abril contra atraso nos pagamentos do salário)

* Hebatam, de São José dos Campos, demite 50 operários após trabalharem no domingo. Na segunda-feira manda todos os demais embora. Operários ocupam a fábrica para exigir indenização.

* 11.200 borracheiros da Goodyear, Pirelli e Firestone em estado de greve reivindicando aumento real de 10%, reposição da inflação de 166,86% e piso salarial de R\$ 770,00.

* 1.350 trabalhadores da Ceagesp retornam ao trabalho com reajuste de 14,5%, pagamento dos dias parados sem compensação.

* Continua greve dos 1.800 operários da Fame por 10% de reajuste e aumento do vale-refeição para R\$ 7,00.

.....
* Lacta e Evelyn demitem após obter grande lucro com a produção e venda de ovos Páscoa.

O objetivo dos capitalistas é lucrar cada vez mais através da superexploração do trabalho e depois se desfazerem da força de trabalho. Não importando as jornadas esta-

fantas a que os operários se sujeitaram, nem os baixíssimos salários que receberam.

.....
* Proprietários da Multiflor demitem os 20 operários que se recusaram a fazer horas extras e alega justa causa para não pagar as rescisões. Os operários ocupam a fábrica de plásticos para garantir pagamento.

Os operários devem permanecer na fábrica e se organizarem para continuar a produção. A ocupação é o método de luta dos operários contra os abusos dos patrões. Não às demissões! Garantir o trabalho de todo operário.

.....
* Têxteis da Tapetes Bandeirantes retornam ao trabalho após uma semana de greve contra a cobrança do vale-transporte, que era gratuito. Os patrões têm de ressarcir os valores descontados em abril e o vale volta a ser gratuito.

* Operários da Construção Civil em greve exigindo 16% de reajuste determinados pelo TRT. Operários da Transbrasil Encol, Exeplan fecham acordo. Peões da Master, Campanário e Manomalt continuam paralisação.

* Perseguição de patrão leva trabalhadores da Ariete a paralisar a produção. A greve é contra demissão do cipeiro Carioca, por causa de sua atividade durante a greve pela participação nos lucros. Responder às demissões com greve!

* Metalúrgicos da Supefine voltam ao trabalho após conquistarem abono de 16,07% em parcela única, pagamento da metade dos dias em greve e contratação de médico.

* 2 torneiros mecânicos demitidos ao pedir aumento de salário, fazem greve de fome com suas famílias na porta da Metalúrgica Rio.

* Operários da Metalgráfica rejeitam proposta de aumento imediato para R\$ 3,50 o vale-refeição. A greve continua para exigir valor de R\$ 6,00.

.....
* Metalúrgicos da Krupp, de Jundiá, em greve contra o não cumprimento do pagamento estimado na PLR. Os patrões querem pagar R\$ 190,00 quando o acordo é de R\$ 500,00. Demissões de grevistas. A participação no lucro das empresas é tapeação para garantir mais produção e mais lucro aos empresários.

.....
* Em greve há 13 dias os operários da Plástico Jundiá reivindicam reajuste de 10% e piso salarial de R\$ 350,00.

* Funcionários do Zoológico de São Paulo em estado de greve desde 15 de maio reivindicam reposição das perdas salariais em 19,44%.

* 50 mil borracheiros de São Paulo conquistam 16,86% de reposição da inflação e 18% de reajuste no piso salarial da categoria.

* Metalúrgicos da Thunder-Comat há uma semana em greve contra demissão e não pagamento do salário de maio e das verbas rescisórias.

* Metalúrgicos da Aceval de Ribeirão Pires permanecem em greve, iniciada a 27 de maio, contra o calote de três meses no pagamento do salário.

Nacional



ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS

O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

NÃO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA

CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970

CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN

Assinaturas: por 6 meses: R\$ 15,00 - Consulte o distribuidor deste jornal

Rombo nas contas públicas aprofunda crise do plano de FHC

Lutemos pela derrubada do plano antinacional e antipopular de FHC

O primeiro ato do novo ministro do planejamento, Antonio Kandir, foi o de cortar 3 bilhões de reais do orçamento da União. Trata-se de uma medida paliativa, para atenuar o rombo nas contas públicas. A manutenção da alta dos juros, as negociatas com as oligarquias ao redor das reformas no Congresso e a crise bancária vão agravando o déficit público. Com o passar dos meses, aproxima-se o final do ano, e com ele a explosão da dívida pública federal. A paralisia das reformas neoliberais no Congresso agrava a situação para o interesse da burguesia e incentiva a luta de frações.

A ação do governo neste momento se concentra em encontrar meios de acelerar as reformas e conter a explosão da dívida. Tenta aprovar o CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentações Financeiras), que Adib Jatene diz ser para a saúde, mas sabemos que servirá para ajudar a compensar em parte o dinheiro desviado da saúde para o parasitismo financeiro. Encontra resistência também entre os partidos de sua base de apoio.

Se não é fácil aprovar aumento de impostos, também não tem sido cortar gastos. A crise bancária consome bilhões com a ajuda do Proer aos bancos. Agora, o governo impõe como medidas legais a privatização dos bancos estaduais como condição para qualquer ajuda.

Prosseguem as privatizações

Sem conter o avanço do endividamento público, o governo acelera as privatizações. Primeiro foi a Light, vendida por 2 bilhões. Agora, o setor central da RFFSA (Rede Ferroviária Federal) foi entregue ao capital estrangeiro. Vendida por pouco mais de 300 milhões de reais, um grupo liderado por uma empresa norte-americana assumiu o controle da malha ferroviária em 7 estados do país. Essas "vendas" são feitas com a utilização de papéis da dívida pública, que valem menos da metade de seu valor nominal. Também não têm conseguido arrecadar dinheiro para fechar os buracos das contas públicas. Apenas para entregar as estatais ao capital financeiro interna-

cional e às multinacionais. A pequena resistência de protesto feita em frente à Bolsa de Valores do Rio de Janeiro foi duramente reprimida pela polícia. Novamente, a burocracia sindical não mobilizou contra a entrega da estatal. A rejeição à luta antiimperialista é o maior obstáculo à resistência contra as privatizações e entrega nacional.

A aceleração das privatizações pelo governo não será capaz de frear a crise. Primeiro porque o volume de recursos efetivamente arrecadado é muito pequeno, já que os chamados papéis podres são usados em larga escala. Segundo, porque não é possível manter o parasitismo financeiro nas gigantescas proporções atuais sem crescimento da produção. O destino do plano do governo é ceder cada vez mais às pressões internacionais das potências imperialistas. O que resulta em desnacionalização, sucateamento das bases industriais do país e aumento da opressão nacional.

Divisão interburguesa se acentua

O plano neoliberal de FHC esbarra nos interesses de cada grupo oligárquico burguês, que luta para sobreviver à destruição das forças produtivas em benefício do imperialismo. Os choques entre a bancada ruralista, os grupos nordestinos, os representantes da Fiesp e CNI, Febraban etc. expressam esses interesses, que não se contrapõem aos do imperialismo, mas que pretendem se associar a ele, ainda que sobre a quebra de grupos rivais. As disputas entre essas frações burguesas se reflete nas crises entre os partidos e nos seus interiores.

No último período, o PFL e o PPB têm buscado maior influência no seio do governo, disputando com o PSDB. O partido de Maluf rejeitou discutir a reeleição de FHC, foi onde se concentrou o maior número de dissidentes nas votações de emendas na reforma da previdência e tem agido com o PFL no sentido de isolá-lo nas disputas municipais. As frações que formavam a antiga ARENA da ditadura militar se juntam para aumentarem a pressão sobre o governo e se fortalecerem, enfraquecendo o PSDB. Pretendem

ganhar fôlego nas eleições para potenciarem seu poder de barganha e reivindicarem maior influência na área econômica.

Apostam num desgaste crescente do governo e do plano. Pretendem se alçar como alternativa governamental, ao mesmo tempo que influenciar a política econômica em benefício próprio.

Divisão interburguesa passa à margem das massas

Diante da crise do governo e do plano, as massas sofrem as consequências do plano neoliberal com arrocho salarial, desemprego e destruição de suas conquistas sociais (direitos trabalhistas, previdência, saúde, educação etc.). As greves que se colocam pela reposição das perdas salariais se espalham pelo país, mas são mantidas separadas pela política das direções sindicais, que aplicam a linha da conciliação de classe.

As pressões das bases e a exclusão das direções sindicais das negociatas com o governo ao redor do plano fez estas marcarem a greve de 21 de junho (ver matéria nesta edição do Massas). Ao contrário das manobras da cúpula burocrática das Centrais, nossa tarefa é unificar a luta nacional das massas para pôr abaixo o plano antinacional e antipopular de FHC.

NACIONAL



A greve geral deve ser para derrotar o governo

Uma grande parcela dos trabalhadores está disposta a paralisar o país. A burocracia sindical encomendou uma pesquisa (IBOPE), esperando obter um Não e assim justificar a suspensão da greve geral. Porém, a resposta esmagadora foi de Sim à greve.

A resposta positiva significa por si só que a greve geral está assegurada? É claro que não. Ela depende de pelo menos duas atitudes da direção: 1. Reivindicações claras, que estejam de acordo com as necessidades das massas e um nítido objetivo político; 2. Um intenso trabalho de organização da greve, sob a base de assembleias e comitês.

A burocracia sindical da CUT, Força Sindical e CGT lançaram a greve sob bandeiras burguesas, como crítica às altas taxas de juros, câmbio defasado etc, de acordo com os protestos da Fiesp patronal, e sob reivindicações genéricas de emprego, fim do rebaixamento salarial e fim da destruição das conquistas sociais.

Quanto ao objetivo político, as três Centrais reivindicam abertura de negociação com o governo de FHC e afirmam de que não se trata de confrontar os explorados contra os exploradores. Portanto, trata-se de um objetivo de conciliação de classe. É claro que com essa linha a burocracia sindical dirigente não apóia as Centrais no método proletário de mobilização e organização. Não convocou assembleias na maioria dos sindicatos, não organizou os comitês de base e não marcou nenhuma manifestação de massa para o dia 21. O calendário de reunião da CUT para as regionais foi marcado num horário impossível de participação de ativista de base, portanto destinado apenas à cúpula sindical.

O que é que os operários falam na porta das fábricas? Como é que vai ser a paralisação? Será que todos se unirão? Virá alguém aqui parar a fábrica? São perguntas de disposição de luta e ao mesmo tempo de desorientação. Se os sindicatos tivessem convocado as assembleias, propagandeado e agitado a greve geral, pois tempo houve para isso, teria sido possível organizar os comitês de base e ter uma clara orientação mobilizadora.

As situações grevistas são as melhores para avançar a organização dentro e fora das fábricas e outros locais de trabalho, estudo etc. É quando se coloca a unidade coletiva dos explorados em torno de suas necessidades e se possibilita avançar a estratégia de classe do proletariado. É quando as massas saem de sua situação de submissão aos patrões e ao governo, procurando se defender da exploração. É quando organizadas na luta se chocam contra o sistema capitalista de exploração e opressão social.

A greve geral é um dos meios mais poderosos de luta da classe operária, porque supera a divisão dos explorados e permite que a maioria oprimida se coloque frontalmente contra o Estado e a burguesia. Uma verdadeira greve geral é totalmente oposta à conciliação de classe. Ao contrário, potencializa a capacidade de luta da classe operária contra os exploradores. Por isso, quando as massas se dispõem a se unir e constituir um estado maior de combate através de uma greve geral é porque estão motivadas por poderosas razões e pelo instinto anticapitalista.

Opostamente, a burocracia sindical desfigura a greve geral ao colocá-la como instrumento de reivindicação policlassista, ou seja, de explorados e exploradores, quando a coloca a serviço de negociações com o governo. A Força Sindical queria uma greve feita de comum acordo com os patrões descontentes com a política econômica de FHC e com a morosidade do Congresso Nacional em aprovar as reformas neoliberais.

A direção da CUT não aceitou as condições de Medeiros apenas formalmente, pois mantém as mesmas posições de evitar um plano de reivindicações contra os capitalistas e seu governo, e se apóia em bandeiras da economia burguesa como taxas de juros etc. Apesar de todos os disfarces, a unidade entre CUT, Força Sindical e CGT se deu em cima da estratégia de pressionar o governo através de uma frente comum entre explorados e exploradores.

As massas não estão a procura desse caminho. Estão se manifestando pela greve geral justamente pelo des-

contentamento com a política de fome e miséria do governo, que tem se traduzido em desemprego crescente, rebaixamento salarial, destruição de direitos sociais, como é o caso da Previdência, sucateamento da saúde, educação etc. Os trabalhadores precisam e querem ir à luta contra a exploração do trabalho, contra o massacre dos camponeses e contra o plano antinacional e antipopular do governo.

É nesse sentido que devemos trabalhar a greve geral, defendendo um conteúdo classista oposto ao da burocracia e organizando os comitês de base. Uma greve geral por tempo indeterminado para derrotar a política de fome e miséria e de entreguismo pró-imperialista do governo FHC.

Organizemos a Greve Geral por:

1. Imediata implantação do salário mínimo real de 1.200 Reais;
 2. Reposição de todas as perdas;
 3. Fim da política salarial de congelamento anual e implantação da escala móvel de reajuste (aumento automático de acordo com a alta dos preços);
 4. Fim das demissões e estabilidade no emprego;
 5. Redução da jornada de trabalho para 6 horas, sem redução salarial (implantação da escala móvel das horas de trabalho, em que se divide as horas nacionais trabalhadas entre todos os aptos a trabalhar, de forma que se elimine o desemprego)
 6. Reforma agrária. Entrega das terras aos camponeses pobres e fim dos latifúndios;
 7. Fim dos assassinatos de trabalhadores e das chacinas. Punição aos crimes de classe da burguesia contra os explorados;
 8. Fim da destruição das conquistas sociais, como a Previdência e direitos trabalhistas;
 9. Fim das desestatizações, reestatização das estatais já privatizadas e em defesa do estatismo sob o controle dos trabalhadores;
 10. Não pagamento da dívida externa e rompimento de todo acordo com o imperialismo.
 11. Controle operário da produção.
- Esses dez pontos de reivindicações elementares são o ponto de partida para as massas, sob a direção da classe operária, desenvolver as tarefas estratégicas de luta por um governo operário e camponês (ditadura do proletariado) e pela expropriação dos monopólios industriais, financeiros e comerciais, única via de eliminar definitivamente a fome e toda forma de opressão de classe.



O MST na mira do governo

Nem bem ocorreu a chacina de Eldorado dos Carajás, dois novos conflitos resultaram em mortes. No Maranhão, na fazenda Cikel, os sem-terra se confrontaram com os jagunços do fazendeiro, provocando a morte de um sem-terra e três capangas contratados. Em Goiás, no município de Planaltina, morreu um camponês no choque entre os próprios trabalhadores sem-terra. Esses dois fatos têm servido para o novo Ministro de Política Fundiária, Jungmann, dizer que está chegando a hora de pôr fim às ocupações de terra.

A imprensa burguesa passou a fazer uma campanha em favor da desarticulação do MST, ou seja, da intervenção do governo contra as ocupações. Tem explicado que o objetivo do MST não é os assentamentos, mas sim combater a política fundiária de FHC e a ordem legal, baseada na propriedade privada dos meios de produção. Está claro que, com a agudização da luta de classes no campo, o governo e as forças repressivas preparam o terreno para golpear o movimento dos sem-terra (MST). O mais provável é que a repressão se volte mais seletivamente contra a ala que defende as ocupações e a auto-defesa, diferentemente da ala pacifista e legalista do Movimento.

Nos dois acontecimentos recentes, os porta-vozes da burguesia tiraram proveito rechaçando a ação dos sem-terra no Maranhão, em que morreram 3 guardas particulares da fazenda. Têm procurado confundir a violência

reacionária da classe latifundiária e do governo contra os camponeses e a violência revolucionária dos camponeses contra o braço armado dos senhores de terra. Os guardas particulares mortos estavam na posição de defesa da propriedade privada latifundiária e a resposta camponesa a eles ocorreu em defesa da terra aos oprimidos do campo. Como vemos, é preciso distinguir com clareza a violência dos opressores contra os camponeses pobres da violência dos oprimidos contra o poder dos latifundiários.

No acontecido em Goiás, o proble-



ma parece ser diferente. Pelas informações trata-se de uma disputa de facções do Movimento dos Sem-terra, uma dirigida pelo MST e outra pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Planaltina. Sem dúvida, tal divisão não vem da vontade dos camponeses pobres, mas sim das direções do movimento. É do interesse dos latifundiários e do governo que uma facção

dos oprimidos se jogue contra outras, matando-se entre si. É preciso combater esse fracionamento suicida, implantando a mais ampla democracia proletária no Movimento, colocando claramente a luta dos sem-terra contra a estrutura geral latifundiária e organizando a auto-defesa.

Formar os Comitês contra a opressão social e política

É necessário que os trabalhadores do campo e da cidade se unifiquem em torno da aliança operário-camponesa. Nessa tarefa, os estudantes têm muito a contribuir apoiando o movimento de ocupação dos sem-terra e de toda forma de luta de massa contra a opressão capitalista.

Um caminho para enfrentar organizada e agudização das lutas e a consequente repressão governamental é o de constituir os comitês contra a opressão social e política por todo o país.

Nacional



Tragédia de Osasco mostra corrupção capitalista

A explosão de gás no subsolo do Shopping Plaza de Osasco (SP) matou 38 pessoas e feriu centenas. O piso da praça de alimentação do shopping se rompeu para cima com a explosão do gás, vazado de encanamento ou do subsolo, que foi um lixão mal aterrado.

O crime é de autoria da construtora e da administração do shopping, com a conivência da prefeitura e da Cetesb. A construtora ergueu o shopping sobre um lixão sem nenhum trabalho de desinfecção. Os lixões formam gás metano, que se queima facilmente e é muito conhecido no interior do país, nas lagoas (fogo fátuo). Essa empreiteira economizou ainda na instalação da rede de gás, fazendo os encanamentos cortarem diretamente o vão existente no subsolo, quando a planta previa a sua instalação nas paredes e no subsolo. A vistoria da empresa de gás requereu a avaliação de um perito em gás metano, porque todos reclamavam do cheiro de gás no local. A administração do shopping

preferiu não atrapalhar as vendas do dia dos moradores e adiou a inspeção.

A prefeitura diz que não tem nenhuma responsabilidade, que é toda da construtora. A Cetesb diz que nunca fez nenhuma avaliação no shopping.

É evidente que os capitalistas da construção civil e a administração do shopping são os responsáveis pela tragédia. Agora, vão dizer que uma instalação clandestina de algum lojista causou a tragédia, e inocentar os verdadeiros culpados. Os fatos que se seguiram à tragédia já estão apontando que os verdadeiros culpados não serão punidos.

As empreiteiras costumam utilizar menos materiais e de menor qualidade para aumentar ainda mais seus lucros. De nada lhes vale o risco das vidas da população que utiliza o local.

Assim como outros, esse é mais um crime dos capitalistas, que a justiça burguesa não punirá.

Somente as massas podem julgar e punir a burguesia decadente, através dos tribunais populares.

Manifesto do Comitê contra a Opressão Social e Política

Reproduzimos abaixo o texto publicado pelo Comitê contra a Opressão social e política da PUC-SP:

Chega de chacinas, chega de impunidade

No dia 4 de junho de 1996, realizou-se a primeira reunião pública para a constituição de um Comitê permanente, na PUC, contra a opressão social e política. Foi exposto inicialmente um dossiê sobre assassinatos de líderes camponeses, de lutadores das causas sociais e sobre as chacinas no campo e na cidade. Sendo a mais recente, a ocorrida em Eldorado dos Carajás.

Todos foram unânimes em concluir que não se trata de fatos isolados e ao acaso, mas sim resultados da opressão econômica e social do regime imperante e em crise estrutural. Ou seja, são crimes de classe contra os explorados e oprimidos, levados a cabo por forças policiais, grupos de extermínio e jagunços, protegidos pelo Estado.

Existem aqueles que acreditam que tais acontecimentos trágicos são uma exceção. E o próprio governo se encarrega de alimentar tal convicção, explicando que o problema se resume no despreparo da polícia, intransigência do MST e coisa que o valha. Mas tudo indica que o fenômeno da violência reacioná-

ria de classe irá se agravar ainda mais com o crescente desemprego, a brutal redução dos salários, o aumento da concentração latifundiária, a invasão das terras indígenas e, enfim, com os efeitos das medidas neoliberais do governo.

A concentração crescente de riquezas num pólo e de miséria num outro dá lugar a contundentes lutas sociais, cuja resposta da classe dominante e do Estado é a da repressão e massacres. Eis por que a impunidade é total. A violência legalizada (da polícia) ou subterrânea (dos jagunços contratados, dos grupos de extermínio) está a serviço dos interesses dos poderosos grupos econômicos e objetiva através do terror desorganizar os movimentos sociais, a exemplo dos sem-terra, sem-teto, do movimento operário e sindical em geral.

Sem dúvida, o problema não pára aí. Faz parte desse conjunto as Candelárias, Carandirus, Vigários-Geral etc. O sistema econômico de exploração e opressão de classe cria a miséria, a marginalidade, as crianças de rua, desagrega os lares operários, incha as favelas, discrimina os negros, as mulheres etc e oprime historicamente as nações indígenas. Está aí por que as chacinas, as execuções e a selvagem repressão aos movimentos dos trabalhadores são o método mais eficaz dos poderosos manterem seu domínio político e econômico.

A verdade é que a bestialidade do massacre dos camponeses sem-terra de Corumbiara e de Eldorado dos Carajás evidencia bem a decomposição política e moral da classe dirigente do país, ou seja, da classe capitalista. Evidencia a barbárie de seu sistema econômico, social e político, fantasiado de democracia e de humanismo. A impunidade e a máscara da Justiça que acobertam tal selvageria expõem o caráter de classe da violência e dos crimes contra os trabalhadores. Não há nada no mundo que possa obscurecer ou apagar essa realidade histórica.

É um dever de todos aqueles que não oprimem e nem se vestem da consciência do opressor compreenderem o que está se

passando em nosso país e, certamente, fora dele. Compreenderem para se organizar contra toda forma de opressão. Somente com o aumento da capacidade de luta e organização poderemos combater as causas e os efeitos do sistema de opressão de classe que esmaga a grande maioria. Os massacres e impunidades, tão facilmente praticados e acobertados, se devem em grande parte à pouca organização e consciência política dos explorados. Formar os comitês contra a opressão e repressão política e social é um passo nesse sentido. E é esse nosso objetivo.

Não temos ilusão de que o Estado, o governo ou qualquer instituição do poder econômico irá punir os crimes de classe e muito menos coibi-los. Somente os próprios trabalhadores poderão fazê-lo, através de uma política e organização independentes do Estado e da classe patronal.

Cabe a todos estudantes, funcionários, professores e demais trabalhadores participarem desse movimento, começando por denunciar as chacinas como crime de classe, defender a entrega das terras aos camponeses pobres, libertação de presos políticos e constituir organismos de massa para punir os responsáveis pelos massacres. Começemos por fortalecer o Comitê Contra a Opressão Social e Política e levar adiante suas campanhas.

Pela punição dos assassinos e mandantes dos crimes cometidos contra os trabalhadores!

Reforma agrária é uma luta de todos os explorados!

Pela liberdade de todos os presos políticos!

Pela formação de comitês permanentes contra a opressão social e política!

Todo apoio e participação na greve geral de 21/6. Que a greve geral seja um meio para unir a luta dos trabalhadores da cidade e do campo!

Comitê contra a opressão social e política

Pela imediata libertação do nigeriano Femi Aborisade e seus companheiros

O governo ditatorial da Nigéria mantém preso Femi Aborisade e mais dois trabalhadores. Esses lutadores estão confinados no corredor da morte, o que evidencia bem a intenção do governo em executá-los. O Comitê pela Internacional Operária e sua seção brasileira denominada "Socialismo Revolucionário" estão fazendo uma campanha internacional em defesa de suas vidas e pela libertação.

Foi levada a campanha para o comitê contra a opressão social e política, que se prontificou apoiar a campanha.

Alguns militantes do Socialismo Revolucionário fizeram um protesto, permanecendo dois dias em greve de fome.

O Partido Operário Revolucionário (POR), seção do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional, adere à defesa da vida de Femi e seus companheiros de luta.

Abaixo a repressão da ditadura nigeriana! Pela libertação dos presos políticos! Pela solidariedade proletária internacional com Femi Aborisade e demais combatentes!



Resposta marxista a Frei Betto

Em palestra proferida na PUC de São Paulo (5/6), Frei Betto se dirigiu ao marxismo como uma forma de racionalismo cartesiano e de materialismo mecanicista decadente e em crise. Entre outros argumentos, referiu-se ao fracasso do comunismo na Rússia e Leste Europeu. Rechaçou o materialismo histórico. Procurou desautorizar a teoria dos modos de produção e das transformações históricas através da luta de classes, desenvolvida por Marx e Engels.

Apesar de combater o marxismo abertamente em sua palestra, utilizou-se largamente da teoria da alienação exposta por Marx e Engels, sem evidentemente revelar sua fonte de inspiração. É interessante como os adversários do marxismo, para combatê-lo, estão obrigados a esquematizá-lo, deformá-lo mecanicamente e a banalizá-lo. O materialismo histórico foi rejeitado sem mais nem menos.

Frei Betto não é o primeiro nem será o último a se comportar assim. Nesse caso particular, é elucidativo porque o adversário do marxismo, que parece no passado ter defendido a fusão do pensamento de Marx e Engels com o cristianismo, numa espécie de teologia da libertação, acaba fazendo justiça ao mostrar a total incompatibilidade do materialismo com a fé, com a religião. Não há nada no marxismo, inclusive na teoria da alienação ou coisificação, que se ajuste com a superstição teológica-religiosa.

Quanto mais se clarear esta distinção, melhor será para a evolução da consciência proletária. Ou seja, para a libertação das massas oprimidas de toda forma de ideologia da classe dominante, no interior da qual a religião é um dos poderosos aspectos de domesticação dos trabalhadores. Foi assim no passado feudal, e é assim no presente capitalista.

A religião é um produto histórico da constituição das sociedades de classe. Não há nada que possa esconder ou abolir essa verdade. Certamente, é preciso distinguir a superstição dos homens primitivos e dos indígenas, fruto do total desconhecimento do funcionamento da natureza e da sociedade, em relação à religião dos homens da Igreja, que sabem muito bem o que estão fazendo e a quem prestam serviço.

Essa espécie de argumento de que a Igreja foi instrumento de opressão material e espiritual na Idade Média e que agora se transformou em favor do progresso da humanidade é mais uma manipulação do poder ideológico do clero, seja ele católico ou não. Ou então, como explicou Frei Betto, na Igreja convivem aqueles que estão do lado dos ricos e os que estão do lado dos pobres. Esse argumento não modifica o caráter de opressão da Igreja.

Os que se dizem estar do lado dos pobres, como Frei Betto, combatem o marxismo e se colocam no campo do reformismo pró-capitalista, de onde nascem os ricos e pobres, os opressores e oprimidos, o proletariado e a burguesia, a superstição religiosa e o materialismo histórico. Não há como combater o socialismo científico, que é a doutrina marxista, sem se defender o capitalismo e, portanto, a continuidade da existência de ricos (capitalistas) e pobres (operários, camponeses minifundiários, sem-terra e classe média arruinada).

Quem assistiu à palestra dirá que Frei Betto foi extremamente crítico do neoliberalismo, ou da economia de mercado, que exclui uma grande parcela da população da cidadania, segundo suas próprias palavras. Ora, criticar o neoliberalismo não significa por si só se colocar contra o capitalismo. Frei Betto negou o neoliberalismo sem abandonar o ponto de vista do capitalismo, tanto é que atacou primeiro o marxismo, ou seja, a doutrina da revolução socialista e da sociedade sem classes. Negou o neoliberalismo, como reformista-assistencialista dos pobres e desvalidos.

O desemprego em massa, as mortes pela fome, a mutilação mental de uma parcela dos explorados e tudo quanto é chaga social sempre existiram com o capitalismo e sempre existirão. O neoliberalismo é a política econômica imposta pelo imperialismo (potências, como Estados Unidos etc) no mundo inteiro, voltada a aumentar a opressão nacional e de classe. E ela está sendo imposta em função da desintegração mundial do sistema capitalista, que entrou novamente numa etapa de convulsiva crise de superprodução.

Não se pode combater o neoliberalismo

sem se combater o capitalismo como sistema econômico e social. E como trabalhar pela destruição do capitalismo sem ser através da luta de classes, da revolução proletária e da ciência marxista, que Frei Betto pinta de materialista racionalista, no sentido de antidia-lética e mecanicista?

No final da palestra, Frei Betto fez uma rápida menção ao pleito eleitoral. Como bom pastor que está por cima dos partidos, pois é um homem da Igreja dos pobres e dos ricos, afinal todos são filhos de Deus e Jesus se sacrificou por redimir todos os homens, não citou o PT. Mas não era preciso ser bom entendedor para decifrar a vaga passagem da cidadania e das eleições. Pois bem, o PT é um partido aliado a setores da burguesia, frentepopulista e antimarxista. Seu papel histórico não é o de encontrar uma terceira via entre o capitalismo e a sociedade sem classes (comunismo), pois essa não existe e não é possível, mas o de defender o primeiro.

Vemos assim que o antimarxismo de Frei Betto, o seu chamado a uma reforma interior do homem através da fé em Cristo e seu idealismo religioso oposto ao materialismo histórico se consubstancia em política pró-capitalista, reformista. O reformismo na época imperialista de desintegração do capitalismo e bárbarie social é reacionário. Somente os marxistas podem ter essa avaliação, pois manejam o materialismo histórico e se baseiam na doutrina da luta de classes.

NACIONAL



Abolir os métodos gangsteris do movimento dos trabalhadores

A militante de CO, membro da chapa 3 de Oposição à diretoria da Apeoesp, Fátima Aparecida Pereira, foi duramente golpeada por membros da chapa 2, em São Bernardo do Campo. O conflito se deu em torno das eleições sindicais. Os agressores justificam que CO sequestrou as urnas, chamou a polícia e os

provocou. CO justifica que a chapa 2 armava uma fraude com as urnas volantes. Rechaçamos os métodos gangsteris de se resolver os conflitos que dizem respeito à democracia sindical. Defendemos que se convoque uma assembléia para apurar os fatos e decidir sobre a atitude de ambos os lados.

Candidatura de Luiza Erundina a serviço do neoliberalismo

PT se afunda na politicagem burguesa

A demagogia política do PT não tem limites. A todo momento seus principais dirigentes resmungam contra o neoliberalismo e as consequências nefastas do Plano FHC. Entretanto, ao ocupar postos no poder do Estado, os políticos do PT se comportam como desestatizantes, algozes dos funcionários e apoiadores da Reforma Administrativa de FHC, entre outras medidas. Estão aí os exemplos, do governador do Espírito Santo, de Brasília, dos prefeitos de Ribeirão Preto, Santos etc. Todos privatizantes.

Agora nas eleições municipais, Erundina se destaca em primeiro lugar. Pode vencer, mas depende de angariar a simpatia de um setor capitalista. No debate, realizado na Federação do Comércio do Estado de São Paulo, para as mulheres dos empresários, Erundina saiu em defesa da desestatização da área siderúrgica e renegou o estatismo da Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC) e criticou a ala esquerda reformista que ainda resiste às privatizações, considerando-os "um setor sectário, estreito". Para fechar com chave de ouro o seu reacionarismo, condenou as greves nos chamados setores essenciais. Usou do argumento burguês e senvergonha: "esse tipo de greve atinge os já sacrificados e joga a população contra os grevistas". Essa pérola é um presente para os exploradores e seu governo.

As eleições municipais fizeram o PT investir tudo na campanha publicitária na TV. Sua propaganda milionária, em horário nobre em todos os canais, apresenta o PT como um partido que faz obras sociais. Da mesma forma que Maluf inventou e Quéricia desenvolveu, apresenta-se na campanha com as façanhas dos próprios governos. Nenhuma posição mais politizada ou contrária ao governo FHC e seu plano, nem mesmo do ponto de vista reformista.

A campanha do PT mostra que esse partido se tornou igual aos outros partidos burgueses: caça votos dos assalariados, prometendo-lhes resolver seus problemas se chegar ao poder. Como se isso fosse possível diante da crise capitalista. Como se o problema fosse quem é o melhor administrador da máquina estatal burguesa. E o PT certamente não o é.

A direitização do PT mostra também a falência das correntes de esquerda que apóiam esse partido igual aos outros partidos burgueses. Ou do PSTU, que reivindica uma frente com o PT (e PCdoB) com um programa reformista.

Para os revolucionários, as eleições devem servir para denunciar a democracia burguesa, que é a ditadura de classe da burguesia sobre as massas oprimidas, para impulsionar a ação direta das massas para que procurem resolver seus problemas por suas próprias mãos e não através das vias eleitorais, e para fazer a propaganda do programa revolucionário. Por isso, diante da proposta do PSTU de fazer uma frente de esquerda, respondemos que sim, desejamos uma frente de esquerda, mas ao redor de um programa classista, que se baseie nesses princípios (veja o Massas nº 112). Mas rejeitamos a frente eleitoral oportunista, que ajuda a enganar as massas e a afastá-las da luta pela destruição do capitalismo pela revolução proletária.

Justiça do Trabalho autoriza trabalho temporário

Foi aprovada a prorrogação do contrato temporário de trabalho, de 3 meses para mais 3, totalizando seis meses de trabalho temporário, sem direitos trabalhistas. Aos poucos, o governo vai viabilizando a destruição dos direitos sociais dos assalariados. Diz que é uma adaptação à nova realidade do mercado de trabalho.

O que se pretende é a eliminação gradual de direitos trabalhistas, que é vista pelos capitalistas como a forma de manter os lucros dos patrões mesmo com a recessão e a entrega da economia às multinacionais.

Essas medidas agravarão o desemprego, porque as empresas vão preferir a contratação temporária, que é mais barata e pode ser facilmente rescindida.

A defesa do emprego só pode ser feita através da luta direta pela redução da jornada de trabalho sem redução de salários, pela escala móvel de horas de trabalho (divisão do trabalho disponível entre todos os que podem trabalhar) e pela estabilidade no emprego para todos. As direções sindicais têm se negado travar essa luta. Afirmam que haverá mais emprego se houver crescimento econômico. Mas a tendência geral do capitalismo é a de reduzir cada vez mais o número de horas trabalhadas para produzir a mesma quantidade de mercadorias, ou até um pouco mais. Mesmo em setores em que a produção cresceu bastante nos últimos anos, como no automobilismo, as demissões cresceram e os empregos caíram.

Para defenderem seus empregos, os assalariados necessitam romper com a linha da burocracia sindical, de conciliação de classes, de conchavos com os patrões e o governo que só levam à derrotas, e impor a luta direta pelas reivindicações que garantam o emprego para todos.



Adquira as Obras Completas de Guillermo Lora. Já temos no Brasil até o volume 11. Num total de 50 volumes, a obra reflete a luta revolucionária do POR boliviano e parte da década de 40 até hoje.



Os Primeiros Trotskistas no Brasil - XII

No **Massas nº 111** analisamos como após o fim da Segunda Guerra Mundial houve o surgimento de novas correntes reformistas que posteriormente se unificariam no PSB. Entre elas estava a União Socialista Popular (USP), dirigida por Mario Pedrosa (um dos primeiros trotskistas brasileiros, participou do congresso de fundação da IV Internacional e da direção saída deste congresso. Abandonou o trotskismo ao seguir a linha de Schattman, de que na URSS haveria um capitalismo de Estado), e que tinha como órgão oficial o periódico "Vanguarda Socialista".

Por sua vez o Partido Comunista do Brasil (PCB), neste período, se reorganizava com base na política de se aliar com os setores ditos "liberais" para resistir a uma suposta volta do fascismo.

A Crise do Estado Novo e a Posição dos Estalinistas e dos Trotskistas

As medidas liberalizantes adotadas por Vargas, após o final da guerra, acabaram por levar à convocação de eleições presidenciais e de uma Assembléia Constituinte. Estas foram marcadas para o dia 2 de dezembro. Getúlio e o seu PTB procuraram, através do "movimento queremista" (grupos que tinham como palavra de ordem "Queremos Getúlio"), uma sobrevida ao seu governo. Getúlio influenciou-se pelos acontecimentos argentinos, onde as massas e os militares reconduziram Perón ao governo após uma tentativa de Golpe de Estado. Porém os militares brasileiros estavam simpatizando cada vez mais com os pedidos udenistas de intervenção militar.

Neste momento, a UDN (União Democrática Nacional) e a sua ala esquerda, a ED (Esquerda Democrática), desconfiavam dos movimentos varguistas, colocando-se pela formação de um movimento pela renúncia de Getúlio e a entrega do governo ao judiciário ("todo poder ao judiciário").

O PCB, que com a legalidade cresce rapidamente, via na queda de Vargas a tentativa da burguesia oligarca de os colocar novamente na ilegalidade, colocou para as massas eleger o presidente somente após a aprovação da nova Constituição. Era a linha da "Constituinte com Getúlio", que na prática coincidia com a apontada pelo PTB.

Os ex-trotskistas, por sua vez, defendiam Eduardo Gomes. Em 31/08/45, no artigo "Posição Política", estampavam a seguinte atitude, criticando a posição dos revolucionários do PSR (Partido Socialista Revolucionário). "Nós da Vanguarda Socialista damos nosso apoio à candidatura Eduardo Gomes". "Encarada a situação política dum ponto de vista abstrato e doutrinário marxista, talvez a posição mais justa fosse a daqueles camaradas que sustentam a palavra de ordem de Assembléia Constituinte, mas sem apoiar este ou aquele candidato, e muito menos a continuidade do ditador e clamando por um governo revolucionário provisório, único com autoridade para convocar uma assembléia soberana. Esses companheiros defendem uma tese justa, mas nas condições atuais muito abstrata e irreal". "O erro deles está em não levar em conta a relação de forças existente, e a falta de ressonância da palavra de ordem com o momento atual. Procuravam demonstrar o acerto de sua linha: "O nosso apoio a Eduardo Gomes se concentra na luta contra a ditadura, esta é a primeira tarefa a cumprir". "Nem a continuação de Getúlio, com Prestes a seu lado ou não, nem o triunfo de Prestes com Getúlio ou sem ele, nem a subida do general Dutra, ou qualquer coisa de intermediário, como um governo militar, abrirá caminho para a democracia". "Nós daqui da Vanguarda Socialista, consideramos a democracia como o clima e a condição indispensável ao progresso e ao triunfo do socialismo no Brasil. Somos democratas e nessa qualidade lutamos ao lado de Eduardo Gomes contra a ditadura."

Durante todo este período de escaramuças entre as frações pró e anti-varguistas, o PSD (Partido Social Democrático, partido coligado ao PTB) se manteve alheio à questão, mas é a partir do momento em que a campanha da UDN começou a deslanchar com a adesão das correntes de esquerda reformistas, o General Gois e o General Dutra movimentaram algumas tropas para pressionar Vargas à renúncia, que se desfez em 29 de outubro de 1945, faltando pouco mais de um mês para as eleições.

Com a renúncia, o governo foi entregue a José de Linhares, membro do Supremo Tribunal Federal.

Com a queda de Getúlio, os estalinistas passam a apoiar o governo Linhares, afirmavam que "qualquer governo que aceitasse a tônica de distensão política dos acordos pós-guerra (reconhecimento da URSS), garantirá, ao menos legalmente, a existência do PCB e um certo espaço para a atuação sindical, desde que o partido não perturbasse a ordem". Desta forma, após pedirem calma ao movimento sindical, afirmando que haveria necessidade de que se apertassem os cintos, se apressaram em acelerar o processo de criação da CGTB.

As massas não aceitavam a política das direções estalinistas e começaram a sair em luta; foram as chamadas "greves espontâneas" do período de dezembro de 45 a março de 46. Em dezembro de 45, os panfletos estalinistas chegaram a afirmar que as manobras grevistas eram preparadas pelos provocadores trotskistas (de fato os militantes trotskistas procuraram organizar e incentivar estes movimentos, mas, ao darem aos trotskistas o crédito de todo o movimento, conferiram a eles uma força que não possuíam) e que estes prejudicavam o bom andamento do pleito eleitoral e do processo de redemocratização. Foram obrigados a mudar de posição com o recrudescimento do movimento grevista, quando procuraram a partir daí intervir nos movimentos para discipliná-los.

Já o PSR, ao avaliar a renúncia e mostrar a inviabilidade da democracia na semicolônia, redigirá mais tarde:

"Nunca tivemos nem alimentamos ilusões quanto à famosa constitucionalização do Brasil, sempre interpretamos a crise política de 45, como um momento em que a experiência com o fascismo ensaiada, e praticada abertamente desde 1937, chegava ao auge da desmoralização com a derrota de Hitler. A oportunidade poderia ser fecunda para as massas brasileiras. Estas contudo esmagadas por anos e anos de regimes despóticos, traídas por partidos em que depositavam confiança, foram mais uma vez vencidas pelo inimigo de sempre: o capitalismo."

Procuraram impulsionar a formação de uma Frente Única para a democratização em 1945, mostrando a necessidade de criar condições novas de organização e mobilização, mas sem perder de vista os pontos programáticos. Para isto elaboraram o programa da "Consolidação Democrática Radical" que iremos abordar no próximo número.

Movimento Operário



A crescente miséria que vivemos, coloca em relevo uma vez mais a opção fundamental: socialismo ou barbárie

A consequência da imposição da política econômica ditada pelo FMI, da qual o governo peronista de Menem-Cavallo se tem revelado como um exemplar executor (contando para isto conseguir o apoio do parlamento e dos partidos opositores), a situação de extrema miséria que nós trabalhadores nos encontramos imersos, adquire hoje proporções pavorosas. As imagens da televisão, sobre crianças revolvendo lixo ou comendo gatos para sobreviver em vilas de Rosario, as quais o governo tentou limitar a importância assinalando como fato isolado, não há fato mais que colocar em relevo, cruamente, a realidade da fome generalizada que se vive hoje em todos os cantos do país.

Ao de Rosario vêm se somar outros fatos similares, como os da Praça de R. Negro, onde as pessoas para se alimentar recorrem aos desperdícios jogados por um frigorífico da região ou aos acontecimentos de Dolores na Praça Buenos Aires, onde a raiz da violenta reação popular, diante do assassinato a sangue frio de um

jovem trabalhador pela polícia, o país tomou conhecimento de que os trabalhadores desempregados, sobrevivem caçando lontras, das quais, logo vendem suas peles. Estes fatos dão um panorama do alcance da crise que se vive no país, como motivo da aplicação de uma política econômica (acompanhada de uma crescente repressão) que condena os trabalhadores à miséria absoluta, em benefício dos grandes grupos econômicos nacionais e internacionais, que dia a dia embolsam somas fabulosas com a fome do povo.

Para tal, a burguesia conta com a colaboração incondicional da burocracia de toda linha: CGT, MTA e CTA, que realizam todo tipo de manobras e acordos isolados das lutas que se dão, com o objetivo de bloquear uma possível intervenção generalizada dos trabalhadores, sabedores de que sua própria situação de privilégio se veria questionada.

Diante disto, os trabalhadores, carentes de uma direção à altura de suas necessidades respondem como podem, na maioria das vezes na forma de explosões espontâneas, que logo se diluem sem deixar um saldo organizativo. Um exemplo claro disto foi a ação dos "lontreiros" de Dolores, os que a punhos livres obrigaram a polícia a se refugiar na sede dos tribunais, para salvar o assassino (polícia) de ser linchado, o que teria significado, se se realizasse, um claro exemplo de verdadeira justiça popular. Sem dúvida e apesar de sua espontaneidade, o exemplo dos "lontreiros" deixou muitos ensinamentos, primeiro por sua reivindicação de trabalhadores, que devido a impossibilidade de

conseguir trabalho, se vêm impulsionados a caçar para viver. E depois, por que uma vez mais os trabalhadores em sua intervenção têm dado um claro exemplo do que é ação direta, a qual não é outra coisa senão a que é desenvolvida pelos próprios trabalhadores na rua e com suas mãos, e não como proclamam alguns, que se trata da ação de uns poucos "decididos" e a seu exemplo, reduzindo desta forma o problema de trabalhar pela necessária evolução da consciência das massas, ao simples fato de jogar pedras, depreciando conscientemente a luta política ideológica pela construção do programa da classe operária.

Este é o grande problema que apresentam hoje a classe operária e os trabalhadores, o que não é falta de vontade de lutar, mas falta de uma direção a altura das necessidades da luta que está colocada. É por isso que é necessário e imperioso construir uma direção classista e revolucionária, que fixe uma clara orientação para a luta, no caminho de guiar as massas para a derrubada da burguesia podre e seu estado. Já, que somente por meio da revolução social será possível acabar com o regime de fome e exploração. Este é o grande obstáculo que encontram hoje os trabalhadores para sair à luta, e de sua resolução depende que comecem a colocar limites ao agravamento inevitável da miséria, a que nos condena a burguesia e seus sócios.

(Extraído do Masas argentino, nº 105)

Avança a barbárie capitalista

Assistimos nesses últimos dias o crescimento da barbárie social. Os acontecimentos de Pernambuco, onde já morreram 49 pessoas, que faziam tratamento de hemodiálise, por descuido no processo de preparação da água e quase uma centena de velhos, na Clínica Santa Genoveva (RJ), resultante da falta de higiene, chocaram o país todo. Soma-se a isso, uma centena de mortos provocados pelas chuvas na Bahia e Pernambuco. Nesse momento, acaba de desabar uma ala do Shopping, em Osasco, devido a má construção e a ganância capitalista. Já morreram 40 pessoas. É parte dessa tragédia social o massacre dos camponeses de Eldorado dos Carajás e Corumbiara.

São cerca de 300 vidas perdidas num curto espaço de tempo, cujas mortes foram provocadas pelas más condições de existência dos oprimidos, pela desagregação do sistema de saúde, pela sede de

lucratividade dos empresários e pela repressão contra os sem-terra. Estamos diante do avanço da barbárie capitalista, que recai inteiramente sobre o povo trabalhador. Somente a destruição do capitalismo e sua substituição pelo sistema coletivo de produção, o socialismo, poderá pôr fim às tendências nefastas do sistema de exploração do trabalho.

Um outro indicador da barbárie

O Departamento de Investigações sobre Narcóticos (Denarc) publicou uma estatística revelando que cresce o número de menores envolvidos no tráfico e consumo de drogas. Nos primeiros quatro meses de 1996 das prisões efetuadas por envolvimento no tráfico de drogas 15% eram de menores, com idade entre 14 e 17 anos. No ano passado, uma pesquisa mostrou que 40% dos menores de rua, entre 13 e 14 anos, consumiam

crack, e que um terço dos menores entre 7 e 12 anos era viciado.

Não é por acaso que as quadrilhas narcotraficantes têm arrebanhado uma multidão de meninos para a contravenção e o vício. Isso só é possível devido ao desemprego crescente dos pais de família, a desagregação dos lares operários e a expulsão das crianças para as ruas. Trata-se de pura hipocrisia as campanhas da polícia e de instituições religiosas para eliminar esse mal com assistencialismos. Enquanto não se pôr fim à miséria dos trabalhadores, o narcotráfico, que é um negócio altamente lucrativo, envolvendo banqueiros, políticos, polícia etc, aumentará. A pobreza das massas e o narcotráfico são consequências de uma mesma fonte, ou seja, do apodrecido sistema de exploração do trabalho e da supremacia do lucro sobre os interesses sociais.



Eleições russas são polarizadas pelas alas da burocracia falida

No último dia 16/06, aconteceram as primeiras eleições presidenciais russas em que o presidente é escolhido diretamente, bem nos moldes da democracia burguesa, que tem por fundamento a demagogia, a mentira e a corrupção. Os principais candidatos, que vão ao segundo turno, foram o atual presidente Boris Yeltsin e o candidato do PC, Ziuganov.

Yeltsin representa a ala da burocracia que desde a década de 80 se colocava pela restauração capitalista mais acelerada, e feita a partir da democratização burguesa das instituições do antigo regime burocrático estalinista. Ziuganov representa a ala burocrática que pretendia uma restauração capitalista mais lenta e conduzida a partir do Estado fortemente repressivo.

Yeltsin contou com o apoio do imperialismo em toda escala. Estados Unidos, Europa, Japão etc. todos apoiaram Yeltsin, que expressa mais fielmente os interesses do capital financeiro internacional. Foi o autor da acelerada privatização, que entregou grande parte da economia aos grupos multinacionais, consorciados com os bandos burocráticos. As pesquisas já indicavam uma grande rejeição a Yeltsin, por ter sido o encabeçador do governo que destruiu importantes conquistas sociais das massas e mergulhou a Rússia numa recessão sem precedentes e numa aguda crise social. As manifestações massivas antigovernamentais e pró-"comunistas" que precederam a período eleitoral criaram nos governos im-

perialistas americano e europeus o temor de um retrocesso na restauração capitalista. Certamente, não movido por Ziuganov, que sempre disse estar de acordo com as reformas e em desacordo com seu ritmo e alcance, e sim imposto por uma ação de massa descontente com a miséria. Yeltsin, apesar de encabeçar a ala burocrática que defendia restauração com democratização, tem sabido agir repressiva e ditatorialmente para implementar a linha pró-imperialista.

Ziuganov recebeu expressiva votação de descontentamento das massas e de anseio pelo retorno ao antigo regime. Entretanto, trata-se de mais uma ala da burocracia estalinista falida, que também é restauracionista. Não tem nada de progressivo em relação a Yeltsin, porque também é restauracionista.

A luta contra a restauração capitalista e a defesa das conquistas da Revolução de Outubro depende da luta independente de massa pela revolução política. Isso depende necessariamente da construção de um partido revolucionário, seção da IV Internacional trotskista a ser reconstruída, sem o qual não será possível travar a luta à morte contra todas as alas burocráticas restauracionistas.

As correntes que se enfileiram por trás das alas burocráticas, apoiando esta ou aquela ala porque a considera mais progressista, mostram seu desprezo com a luta pela reconstrução do partido mundial da revolução socialista, exibem seu seguidismo e sua incom-

preensão da necessidade da construção do programa da revolução. Cedo ou tarde, repetirão esse erro em seus próprios países, se arrastando atrás do reformismo.

A luta pela construção do partido revolucionário na Rússia, como nos outros países, é uma tarefa histórica de independência das massas da burguesia, do imperialismo e de todas as variantes pequeno-burguesas (reformismo). Cumpra-se com a construção do partido-programa, que se forja na crítica das posições que expressam as pressões de classe da burguesia no interior do movimento operário. Embelezar qualquer dessas frações é atrasar as massas na sua luta pela libertação da exploração e opressão.

Defendamos as conquistas da Revolução Russa! Combatamos as alas burocráticas restauracionistas! Defendamos a Revolução Política! Construamos o Partido Mundial da Revolução Socialista!

Internacional



27 anos do Cordobazo - um balanço impostergável

No último 29 de maio se cumpriram 27 anos de uma data histórica para o proletariado. A ditadura militar do general Onganía, que pretendia governar até o fim dos tempos, aplicando as receitas do FMI, foi ferida de morte pela mobilização e ação direta das massas, cujo epicentro se encontrava nas fábricas do cinturão de Córdoba e Rosario.

A burguesia, impotente, viu como a ação das massas empurrava para o abismo o governo militar, submerso na mais completa inoperância.

Foi então quando o imperialismo e a classe dominante argentina idealizaram uma sutil manobra pretendendo repatriar o general Perón, única voz do nacionalismo burguês que contava ainda com certo prestígio entre as massas.

O retorno do líder tratou de por fim a ação independente das massas, enqua-

drando-as dentro da legalidade burguesa: o parlamento, a justiça, a igreja e outras, pretendendo acabar com a situação revolucionária aberta em maio de 69.

O Classismo

Anos de luta de resistência contra os distintos regimes de governo da burguesia foram forjando e moldando uma nova direção da classe operária. A luta da chamada "resistência peronista" contra os governos de Aramburu e Frondizi impulsionaram o aglutinamento dos trabalhadores atrás de suas organizações de massa.

Entretanto, estas direções sindicais não souberam ou não puderam se desarraigar da ideologia nacionalista burguesa do peronismo, e terminaram cúmplices do golpe de 66.

Paralelamente, e disputando a burocracia da direção dos trabalhadores, começou a se formar uma nova condução sindical denominada Classista.

O classismo, apesar de seus saltos organizativos, não soube dar respostas (fundamentalmente pela ausência do Partido Revolucionário), à crise de direção, já que seu programa político não colocava uma saída revolucionária para as massas, reproduzindo ao contrário, distintas fórmulas e variantes estratégicas encerradas na "Libertação Nacional" como último estágio. Des-

te modo, encarnou uma variante de esquerda do próprio nacionalismo de conteúdo burguês. Este foi o principal elemento que determinou o desarme, e logo a derrota dos trabalhadores, permitindo os golpes da Tríplice Aliança e a posterior ditadura genocida dos Videla e Martinez de Hoz.

Nenhum documento das direções classistas fazem formulações estratégicas sobre a Revolução e Ditadura proletárias. Por isso, não foi casual que muitos classistas lutaram pelo retorno de Perón.

Os ensinamentos do Cordobazo

De maneira muito sintética, recordamos um período histórico transcendental da vida do proletariado argentino,

senão o mais importante.

Como balanço que poderemos aprofundar, cabe assinalar alguns pontos. Primeiro, que sem uma direção antiburocrática e classista que, sobre uma *superação política* das anteriores direções sindicais surgidas a partir da "resistência peronista", teria sido impossível sair ao combate e contar com possibilidades, não somente de derrotar a ditadura (como o fez), abrindo caminho a uma situação revolucionária, mas além disso, estar em condições de terminar com o parlamentarismo burguês reimplantado desde 73.

Esta questão, à margem das distâncias e fatores históricos que marcam nosso atual presente, continua latente em um sentido PREPARATÓRIO. Para que existisse Cordobazo e "azos", foi necessário como condição, um tempo de reorganização e trabalho preparatório da vanguarda operária e jovem.

Para que haja novamente uma mobilização deste tipo e com este conteúdo de

classe, é condição necessária um trabalho preparatório que sobre o balanço tanto do Cordobazo quanto dos últimos fatos políticos, tome em suas mãos a construção de uma nova direção que coloque a independência de classe do proletariado diante da burguesia em seu conjunto e seus pelegos sindicais da CGT, CTA e MTA.

Reiteramos, como condição necessária este trabalho prévio, de preparação política, que é necessário que se forme a nova vanguarda, mas, além disso, uma questão de vida ou morte para que a luta não fique limitada e possa progredir até a derrocada revolucionária da burguesia e se instaure a ditadura do proletariado será a construção do Partido Operário Revolucionário.

Convidamos os companheiros para as palestras-debate públicos que nossa organização realizará pelo novo aniversário do Cordobazo.

(Extraído do Masas argentino, nº 105)

As grandes linhas para a atuação no próximo congresso da Central Operária Boliviana

Guillermo Lora

O ponto central deve ser o reencontro com a linha marxista-leninista-trotskista (da Tese de Pulacayo à experiência da Assembléia Popular)

De modo geral, o congresso da Central Operária Boliviana é a autoridade superior, última, para esta organização. Esta concepção parte do suposto que esse congresso expressa, de maneira fiel, o que acontece no seio das massas e que é a expressão fiel das tendências majoritárias. Sabemos por experiência que quase nada disto acontece.

Temos de partir de um princípio, de uma lei: o melhor dos congressos operários, o mais radical, está sempre mais à direita que as massas. Realiza-se em meio a uma poderosa pressão do inimigo de classe, do governo e do empresariado, das idéias difundidas pelos meios de propaganda. No congresso a burocracia tem a possibilidade de potencial seu peso, frente à maioria eleita diretamente pelas bases.

O próximo congresso da COB se desenvolverá em meio à pressão da burocracia traidora e pró-governamental.

Que fazer? Apesar das condições adversas que imperarão os revolucionários têm de levar uma séria batalha ideológica que servirá de referência para as massas em suas lutas futuras.

Tampouco nestas circunstâncias esqueceremos nossa convicção que as massas, incluída a classe operária, para poder marchar até a vitória, à sua libertação, precisam contar com o instrumento do marxismo-leninismo-trotskista, que forma sua tradição, que expressa a consciência de classe do proletariado.

Ainda que imperem as condições desfavoráveis, os militantes revolucionários não devem desperdiçar a tribuna do congresso operário, e daí, passando por cima dos burocratas vendidos e reacionários, chegar às massas bolivianas que continuam combatendo e rechaçando a entrega do país ao imperialismo (às multinacionais). Temos de trabalhar, de maneira incansável, para

que a COB retome a linha revolucionária, abandonada pelas camarilhas sindicais burocratizadas que tem substituído a luta com a corrupção. Temos de despertar nas massas a experiência que têm vivido, cheia de lampejos da revolução social, desde a Teses de Pulacayo até a Assembléia Popular.

O congresso se verá, em grande medida, neutralizado pela burocracia, que contará com o apoio do governo. Importância das direções sindicais médias.

Temos de levar a batalha (tem importância na perspectiva do processo revolucionário) sabendo que o congresso cobista se verá, em grande medida, neutralizado pelas sujas manobras da burocracia que, sem dúvida, contará com o apoio direto do governo burguês. A classe dominante está vivamente interessada em subjugar as massas subvertidas com ajuda da burocracia sindical.

Não podemos esquecer que o congresso terá lugar em meio ao choque direto das massas com o governo marionete do imperialismo. As circunstâncias políticas favoráveis imperantes nesse momento podem potenciar os poucos delegados de base e a massa de dirigentes médios, obrigando-os a se somar à luta contra os burocratas corruptos.

Em todos os casos, temos de ter presente que os revolucionários não vão ao congresso para ganhar postos de direção ou coisa parecida, mas para dar grande lição sobre como se deve lutar e dirigida às massas em geral. Não pode haver a menor dúvida que todos sentirão o peso de nossas idéias, de nossa trajetória límpida e de nossa honestidade a toda prova.

O problema da direção com capacidade para poder materializar o programa revolucionário. A política operária cobra proeminência.

Não podemos deixar de lado nossa responsabilidade de assinalar nossa posição referente ao problema da direção da COB. Reiteraremos o que já tantas vezes temos dito a respeito.

Rechaçamos as composições oportunistas, as articulações, com a única finalidade de ganhar alguns postos de direção. Esse carreirismo não encaixa na conduta retilínea dos trotskistas.

Colocamos em primeiro plano a urgência da COB ter um programa revolucionário, anticapitalista e antigovernamental. A direção que lhe corresponde, capaz de materializar esse programa deve compor-se de revolucionários honestos e provados.

